

Memória e representação feminina: o projeto Caixa de Pandora.

Ursula Rosa da SILVA¹

O projeto de pesquisa *Caixa de Pandora: mulheres artistas e mulheres filósofas do séc. XX* surgiu do desejo de retomar algumas questões referentes à representação feminina e como esta se constitui na historicidade, ou como a História registra esta produção quanto a obras e quanto a concepções teóricas femininas, ou seja, sua produção intelectual e artística. O grupo de estudos formou-se em 2007, tendo como componentes alunos e ex-alunos do Curso de Artes Visuais, tais como Ana Manuela Farias Régis, Maria Stella Weikamp Martinelli, Pablo Rodrigo Santani, Rebecca Corrêa e Silva (bolsista IC/FAEPRGS 2009-2010), Roger Fraga Coutinho, Taís Moraes Barros, Viviane Moraes Moreira, Rute Grillo, bem como alunos de Graduação e Pós-Graduação em Filosofia, Antropologia, Educação e Música: Ana Paula Lima Silveira, Angélica Weber Falke Daiello (bolsista PIBIC/CNPq 2008-2009), Cíntia Luzardo Rodrigues, Daniela Grillo de Azevedo (bolsista IC/FAPERGS 2007-2008), Fernanda Nunes Ávila, Marcéli Coelho Moreira, Patrícia Pereira Porto, Terezinha Lorena Pasqualotto, Clarissa Granada Norenberg e Patrezi Carvalho da Silva. Além disso, contamos com a colaboração das professoras Carmen Regina Bauer Diniz (IAD/UFPEL), Sônia Maria Schio (ISP/UFPEL) e Ana Miriam Wuensch (UnB/DF).

De início, a pesquisa configurou-se como fundamentalmente teórica, voltada, não prioritariamente para a constituição de parâmetros conceituais ligados à área de artes e a de filosofia, mas primeiramente para a própria definição do campo de estudos direcionados a questões de gênero e à contextualização da produção feminina tanto na história da arte quanto na história da filosofia. O movimento inicial foi no sentido de formar um quadro teórico de referência neste tema, partindo da escolha, também, de algumas personalidades femininas para poder aprofundar o tema em ambas as áreas. Assim, no primeiro ano de estudos, foram eleitos alguns temas iniciais, tais como, a história das mulheres desde a Antiguidade, e, dentro deste, quais mulheres a história clássica contemplou e destacou, de que forma elas foram destaque – valorizando-as ou, ao contrário, sendo apontadas como modelos de comportamento imoral, desregrado. A partir deste critério, o grupo se subdividiu para concentrar estudos em suas escolhas. Assim, o procedimento de metodologia técnica foi: levantamento e leitura de bibliografia básica, na forma de grupo de estudos; coleta e seleção do material a ser pesquisado em Bibliotecas, em sites de pesquisa e banco de teses; fichamento e sistematização do conjunto do material da pesquisa de forma cronológica e por

¹ Professora do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em História (PUC/RS) e Doutora em Educação (UFPEL).

temáticas; organização de banco de textos e de imagens; elaboração de artigos sobre a pesquisa para apresentação em eventos científicos da área e para publicações em periódicos acadêmicos, revistas ou jornais; organização de um *CD-Rom* didático para trabalho em escolas; organização de Seminários para apresentação dos resultados e debate com a comunidade acadêmica e rede de ensino como formação continuada. Entre 2008 e 2009 conseguimos organizar uma mostra de arte e três seminários: um para professores da rede de ensino em maio de 2009, e os outros com enfoque internacional trazendo convidados de universidades brasileiras e estrangeiras, que foram o I SIGAM, em 2008, e o II SIGAM (Simpósio Internacional sobre Gênero, Arte e Memória), em 2009. Este Simpósio obteve um crescimento claramente observável tanto quanto à qualidade dos textos apresentados como à quantidade de participantes. Em 2008 o número de trabalhos apresentado em comunicações foi de trinta e cinco, passando para setenta e um em 2009. Do mesmo modo, houve uma ampliação nas abordagens das palestras no sentido de tornar o segundo evento com um enfoque multidisciplinar. Os palestrantes que participaram, além dos professores da UFPEL, em 2008 foram: Alcira Beatriz Bonilla (U.B.A./Argentina) que veio com o apoio do curso de Filosofia da UCPEL e do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPEL); Luciana Loponte (UFRGS); Ricardo Barberena (UFRGS); Carla Semedo (mestranda UFRGS/Cabo Verde-África); Edla Eggert (UNISINOS); Ivana Lopes (FURG). Como professores da UFPEL tivemos a participação de: Nádia Senna (IAD); Ursula Rosa da Silva (IAD); Joana Cunha de Holanda (Conservatório de Música); Carmen Regina Diniz (IAD); Francisca Michelin (IAD); Mari Luice Loreto (IAD).

Os palestrantes de 2009, que trouxemos com apoio da FAPERGS e do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, foram: Gladys Villegas Morales – Universidad Veracruzana/México; Joana Maria Pedro (História/UFSC); Ana Miriam Wuensch (UnB/DF); Rita Terezinha Schmidt (Letras/UFRGS); Susana Alicia Rodriguez (Universidad Nacional de Salta/Argentina). Da UFPEL participaram com palestras: Sônia Maria Schio (ISP); Francisca Michelin (IAD); Cláudia Turra Magni (ICH); Márcia Ondina Vieira Ferreira (FaE); Nádia Senna (IAD); Ursula Rosa da Silva (IAD); Isabel Nogueira (IAD); Alice Monsell (IAD); Larissa Patron Chaves (IAD).

As outras ações, com caráter de extensão para mostra da pesquisa foram o *Seminário Gênero e Docência: o feminino na arte e na filosofia*; a Mostra de Arte: Todos os Dons de Pandora, que ocorreu junto ao II SIGAM, e o CD-didático, todas estas foram com o objetivo de envolver os professores que atuam junto às escolas de Pelotas e Região Sul do estado.

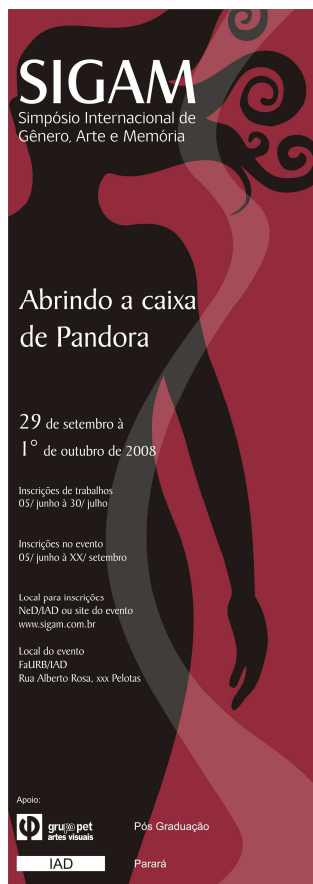


Figura 1 - Cartaz do I SIGAM – Simpósio sobre Gênero, Arte e Memória



Figura 2 - II SIGAM – Simpósio Internacional sobre Gênero, Arte e Memória
Foto: Ursula Rosa da Silva

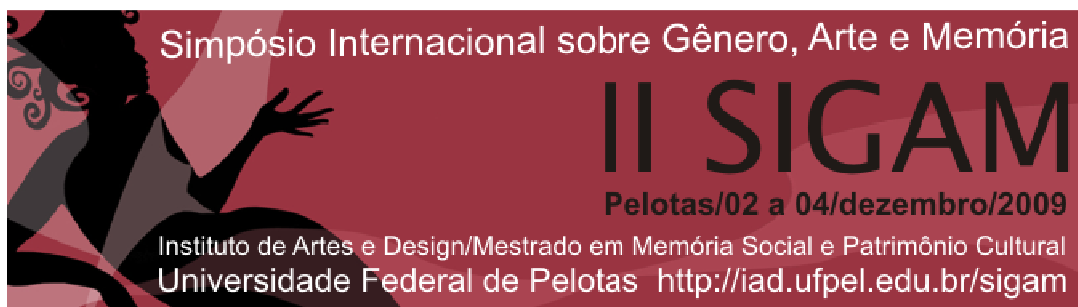


Figura 3 - Cartaz do II SIGAM

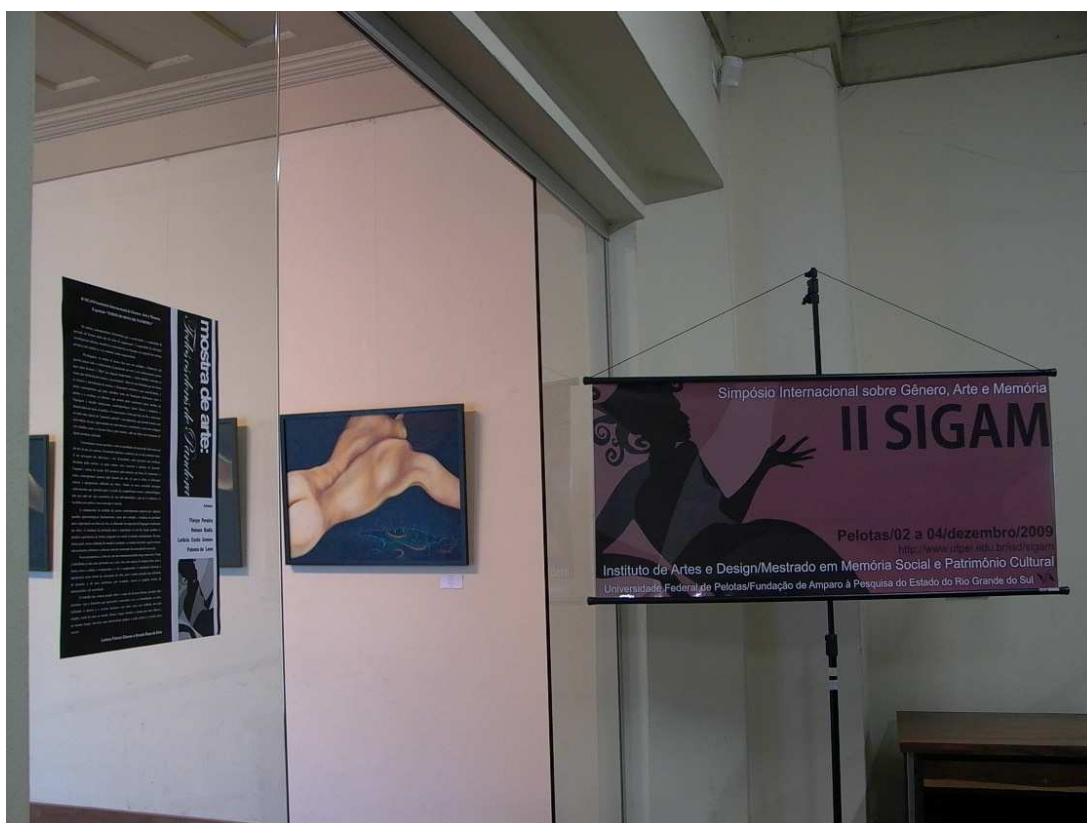


Figura 4- Mostra de Arte: Todos os Dons de Pandora - SECULT, dezembro de 2009
Foto: Ursula Rosa da Silva

Quanto à metodologia de análise, o referencial teórico usado para o estabelecimento de critérios de abordagem analítica foram: a concepção de memória em Merleau-Ponty, a noção de representação (ligada à linguagem e às relações de poder) de Foucault, a visão do feminino a partir de Simone de Beauvoir e a historicidade das mulheres, de Michele Perrot. Para Merleau-Ponty (1991), a memória é uma nova vida, e a história só pode constituir-se como revitalizante desta vida se fizer com que o movimento de registro dos eventos seja uma forma de retomar a história empírica, nascida a partir de um gesto, de um querer. Neste sentido, falando de obras de arte, por exemplo, ele afirma que o museu, como espaço para a memória da sociedade, deve considerar que o valor das obras tem a ver com uma historicidade que considera os acasos onde estas nasceram.

Em geral, a pesquisa parte de uma pergunta, de uma dúvida a qual buscamos esclarecer. No caso deste projeto, tratar da questão de gênero foi uma consequência de uma busca maior pela ausência dos registros da produção da mulher na história ocidental. O primeiro movimento foi o de ir atrás de levantamentos feitos até o momento. Um deles foi organizado pela professora Ana Miriam Wuensch, da Universidade de Brasília, que o disponibilizou no site da UnB. Além claro, das pesquisas que, desde os anos 1960, começaram a fazer este registro na Europa e EUA. Mas, após estes levantamentos, chegamos à questão: falar de gênero é falar do feminino especificamente? Existe um modo feminino de pensar e perceber o mundo? Ou o que vimos até agora na história foi o modo masculino de pensar?

À medida que íamos aprofundando as leituras, percebemos que outros(as) pensadores(as) se perguntavam pelo mesmo:

Existe alguma diferença na literatura escrita por mulheres que possa ser articulada sem que se recorra aos essencialismos dos clichês sobre escritura feminina e à imposição de uma categoria sexual à textualidade? (...) É possível que esse imaginário [das escritoras] estabeleça relações entre escrita e corpo, narrativa e desejo, de forma a esclarecer como aquele desloca a inscrição da subjetividade feminina no modelo fálico da diferença, em sua posição privilegiada (...)? (SCHMIDT, 2003, p.178)

As teorias essencialistas, mencionadas pela autora, foram o fundamento da diferenciação entre homens e mulheres até o século XX. Embora no século XVII tenha sido

superada a visão aristotélica de justificativa da inferioridade da mulher baseada em argumentos da medicina e da fisiologia gregas a respeito da temperatura do corpo, ainda assim, novas causas, ligadas ao racionalismo cartesiano fizeram com que a ciência se constituísse como um projeto exclusivamente masculino. Deste modo, a história, da arte, da filosofia, da educação, se tornou androcêntrica, questionada e modificada com a contribuição dos movimentos feministas, que tiveram diferenciações, ao longo do tempo, desde meados do século XX.

Os movimentos feministas, em suas várias fases, vão se diferenciar pelas especificidades dos motivos. Conforme Scavone (2008), as teorias feministas de autoras como Simone de Beauvoir, Monique Wittig, Gayle Rubin, Joan Scott, Daniele Kergoat, Júlia Kristeva, Jane Flax, Carole Pateman, Nancy Fraser, Judith Butler nos trazem questões que devem ser compreendidas a partir do contexto de transição de paradigmas, advindo de transformações sociais que ocorreram nos anos 60. Neste cenário de Guerras e movimentos de descolonização foi que veio ao debate, no Primeiro Mundo, “não só os ‘internamente colonizados’ (as chamadas minorias, os marginais, as mulheres, os homossexuais) como os ‘externamente colonizados’ (os habitantes do mundo colonizado), colocando em cena novas vozes coletivas e contribuindo para a desconstrução de um sujeito único e universal” (SCAVONE, 2008, p.174).

No entanto, foram autores como Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Bruno Latour, que nas Ciências Sociais, realizaram algumas expressivas rupturas e contribuíram para que se pensasse a realidade social como um todo, ao invés de dar ênfase ao indivíduo. Esta mudança de perspectiva fez com que os estudos se voltassem para a questão da diferenciação social.

Assim, o campo de estudos de gênero surge concomitante ao feminismo pós-68, na Europa e nos Estados Unidos, evidenciando uma grande relação dos movimentos sociais com os estudos feministas. Não esquecendo, claro, da influência que alguns estudos pioneiros (Madeleine Guilbert, em 1946, sobre o trabalho das mulheres; Margareth Mead, em 1948, na Antropologia) e na Filosofia e Literatura a célebre obra de Simone de Beauvoir (1949) “O Segundo Sexo”, que abriu o debate sobre o determinismo biológico, desde Aristóteles, sobre a inferioridade feminina, contextualizando esta posição com uma versão hegeliana do devir do ser apresentando um ser que se torna mulher ao invés de nascer mulher, apontando para o aspecto social, e não fisiológico, deste papel.

Enfim, Scavone (2008, p.177) define três fases para o feminismo: a fase universalista (humanista ou das lutas igualitárias), em que o objetivo é o reconhecimento de direitos civis, políticos e sociais; a fase diferencialista (essencialista), em que a luta era pela afirmação das

diferenças e da identidade; e uma terceira fase, denominada de pós-moderna, derivada do desconstrucionismo, que reforçou as teorias dos sujeitos múltiplos e/ou nômades.

Assim, o movimento decorrente da crítica ao essencialismo, baseado na teoria da inferioridade da mulher por causa, principalmente, de sua condição de fêmea – incorre numa luta por igualdade, inicialmente – num embate mais radical em que a mulher quer um espaço igual ao do homem e até veste-se com roupas e gestos masculinizados para acentuar seu discurso. E chega-se no tempo de luta pela valorização das diferenças e respeitando as igualdades que nos aproximam como seres humanos.

Deste modo, citamos algumas das personagens em que aprofundamos a pesquisa. A primeira foi um caso curioso, advindo de um trabalho feito na disciplina de Filosofia da Arte, que ministrei no curso de Bacharelado. A partir de uma sondagem inicial, no período do Renascimento, a aluna Taís Barros interessou-se pela história de Lucrecia Bórgia, injustiçada por ter ficado conhecida como uma *viúva-negra*. Embora a personagem pertencesse à época anterior ao período definido pelo projeto (século XX), decidimos começar com este ícone. A pesquisa procurou esclarecer fatos equivocados, que permaneceram por séculos alterando a visão que temos de sua figura feminina, na política, na sociedade, e sua representação na arte. Abordamos nesta pesquisa a atuação da mulher no Renascimento, evidenciando a vida de Lucrecia Bórgia, vinda da famosa família Bórgia que guarda até hoje tantos mistérios, supostas relações incestuosas e mortes por envenenamentos, com o famoso veneno chamado “Cantarella”. Lucrecia Bórgia entrou para história como uma mulher má, envenenadora de seus maridos, principalmente após uma peça teatral de Victor Hugo do século XIX. Mas os fatos e a história contada pelas correspondências da época mostram uma mulher bem diferente. Ela foi modelo para a imagem de Santa Catarina, pintada por Pinturicchio nos aposentos dos Bórgia, onde Lucrecia é retratada como uma bela mulher de expressão doce e ingênua, pele clara, rosto delicado, cabelo loiros – padrão de beleza feminina do Renascimento. Lucrecia também pode ser admirada por sua habilidade e justiça, ao governar Ferrara ou quando foi regente de Spoleto e Foligno cidades ligadas à Santa Sé. Percebe-se que as mulheres conquistaram muitos espaços na sociedade, e que estes foram alcançados desde o Renascimento, reafirmando a importância da mulher, componente fundamental da sociedade, por suas realizações e ainda, por influenciar homens que entraram para história.

O grupo também buscou aprofundar estudos a respeito do ideário filosófico africano, pela visão de três grandes pensadoras do contexto mundial contemporâneo. Marie Pauline Eboh é reverenda Madre do Grupo Católico Filhas de Maria, mãe de misericórdia, membro do “Institute of Foundation Studies”, instituto estabelecido em 1981, para ampliar a perspectiva educacional de toda a comunidade. Eboh foi diretora da instituição e atualmente atua como

professora de filosofia. Com um trabalho de investigação filosófica sobre normas morais, sociais e culturais, o instituto busca a conscientização e criticidade, por parte dos jovens da região, bem como dos líderes comunitários. O Instituto fica localizado no Delta de Niger, região ao extremo sul da Nigéria, habitada por minorias étnicas da África. Esta é a maior região produtora de petróleo da Nigéria, sendo a extração de óleo e gás natural a base de sua economia. Daí deriva a maioria dos conflitos da região, que se definem por brigas por posse de terra, degradação e exploração do meio ambiente, guerrilha entre povoados, falta de recursos básicos no atendimento à saúde e necessários à vida cotidiana, tais como água potável, eletricidade, estradas e comunicação. Nesse clima se estabeleceu uma guerrilha contínua, com constantes violações de direitos humanos. Nesse contexto vive Marie Pauline Eboh, que prioriza em seus trabalhos as necessidades dos jovens e mulheres do Delta de Niger, buscando a união de um pensamento e investigação filosófica com uma práxis humanista. Em seus artigos, Eboh questiona, principalmente, o que é filosofia e seu papel na sua sociedade atual. Para tanto, ela investiga a forma africana de pensar e sentir, bem como os valores estabelecidos pela cultura africana ao longo de sua história.

Marie Pauline Eboh frisa que a forma sistêmico-operativa do pensamento ocidental e a vivacidade holística do pensamento africano não são contraditórias, mas sim facetas humanas complementares. Um argumento forte em Marie Pauline Eboh é que a história do pensamento africano se estrutura em uma tradição oral. Isto não significa falta de método para a filosofia africana, uma vez que o pensamento não nasce estruturado sistematicamente, esta seria uma construção *a posteriori* proposta por filósofos africanos atuais sobre “declarações engenhosas”, ditadas em idiomas nativos.

Fatma Chamakh-Haddad, por sua vez, é professora de filosofia, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade da Tunísia e membro do comitê nacional de Bioética médica, da Tunísia. Haddad tem publicações na área de direitos humanos, principalmente em direitos das mulheres. Defensora de uma estrutura erguida sobre quatro pilares básicos: educação, ciência, cultura e comunicação. Fatma Chamakh-Haddad entende que o uso da filosofia é imprescindível para abolir formas de discriminação, exclusão e intolerância. Participou de fóruns e congressos promovidos pela UNESCO, com foco na discussão do desenvolvimento sustentável e incentivo à cultura africana.

Sophie Bosede Oluwole é professora da Universidade de Lagos, Nigéria. Ela estudou filosofia na Alemanha e quando voltou para seu país, lecionou Egíptologia, considerada como a filosofia africana da Antiguidade, fonte onde os europeus antigos, e, sobretudo os gregos, beberam. Para Oluwole, o pensamento filosófico acontece em todas as partes do mundo, em toda África, mas em cada contexto tem suas peculiaridades. A questão seria saber se há algum componente filosófico que esteja permeando e abarcando todas as diferenças

culturais, uma vez que não é possível continuar considerando os sistemas ocidentais de argumento e racionalidade como aqueles que trazem as verdades apodíticas.

Interessada na questão da história do pensamento africano, ela identifica a tradição oral nativa como o arcabouço suficiente para uma investigação filosófica. A nigeriana Sophie Oluwole procurou nas tradições da linguagem IFA, conhecida por se referir à feitiçaria, as máximas que ela busca sistematizar e compreender na forma de pensamento racional. Dentro de um panorama de pobreza, guerra civil, degradação ambiental, vive um grande continente, a África. Rica em cultura, pessoas, danças, cores, natureza e sons, a África sobrevive. Nesse contexto surgem grandes mulheres, que lutam, criam seus filhos, que pensam e escrevem. Em um ambiente de embate entre o teórico e a prática, surge uma nova visão de filosofia. Pensamento enquanto ação, a investigação que estrutura a práxis.

Uma das artistas pesquisadas foi Maria Martins e a sua conseqüente contribuição para a história da Arte, analisando suas obras e explicitando quais os fatores da sua vida pessoal acabaram interferindo na sua produção, e quais foram suas referências. O interesse por pesquisar Maria Martins adveio do fato de ela ter sido escultora, e por manter uma relação mágica e passional entre sua vida pessoal e sua produção escultórica. Sua obra foi marcada por uma temática autobiográfica, intimista, existencialista, e nacionalista, onde a artista mostra a natureza tropical e sensual do Brasil. Sua linguagem biomórfica e surrealista apresenta-se através de sua técnica apurada no bronze. Maria teve grande relevância na contribuição para os museus de arte moderna internacionais, além de ser uma das fundadoras das bienais do Rio de Janeiro e de São Paulo. A pesquisa possibilitou demonstrar a importância de Maria Martins para a história da Arte, revelando sua produção artística na década de 40 nos Estados Unidos, e no Brasil nos anos 50 e 60.

Outro foco de interesse foi a aproximação da história de Frida Kahlo com a de Simone de Beauvoir, na tentativa de encontrar um elo entre ambas. Neste trabalho busca-se evidenciar a possível relação entre a artista mexicana Frida Kahlo e a escritora e filósofa Simone de Beauvoir. Elas foram e são referências em todo o mundo pela forte característica de suas determinações, coragem, criatividade, força e potencial provocativo. A partir dos materiais analisados procuramos selecionar pontos de identificação destas duas mulheres, estruturando relações e afinidades, com o propósito de elucidar suas aproximações na articulação da produção intelectual e artística, assim como a forte semelhança que existe entre as vidas pessoais e os acontecimentos que marcaram as vivências influenciando em suas obras e pensamentos. O elo que liga a pintora e a filósofa vai se ramificando, na medida em que os estudos avançam. E o interesse da pesquisa reside, justamente, nas semelhanças encontradas por meio de estudos isolados referentes à vida e obra de Beauvoir e Kahlo, como por exemplo, suas personalidades altivas e determinadas, relacionamentos liberais,

desafiadoras à tradição e principalmente seus marcos gravados nas histórias da arte por um lado, e na história da filosofia, por outro.

Também no âmbito da filosofia, pesquisamos a filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975), nacionalizada americana em virtude de adotar os EUA após sua fuga da Alemanha nazista (Arendt era judia). Por criticar a tradição filosófica, Arendt prefere não ser chamada de filósofa, assim, referimos à sua produção no campo da filosofia política como “o pensamento político” de Hannah Arendt. O primeiro objetivo foi o de destacar os principais conceitos do projeto político da autora, que com a publicação de seu primeiro trabalho acerca da política, em 1951, traz à luz novas questões, como uma política voltada para práxis e construída “dentro” e a partir do contexto e não de forma idealizada, como diriam os autores comunitaristas, influenciados por ela, deve-se pensar a política “dentro da caverna” e não no *eidos*. A produção de Arendt pode-se dizer que é bem ampla, como por exemplo: *Origens do totalitarismo* (1951), *A condição humana* (1958), *Entre o passado e o futuro* (1961), *Responsabilidade e julgamento* (1965 - 1975), *A dignidade da política* (1946/1975), *O que é política?* (1950/1969). Os principais conceitos que estão sendo trabalhados são: totalitarismo, anti-semitismo, público e privado, natalidade, labor, trabalho, ação, pluralidade, a banalidade do mal, deveres morais, deveres políticos, responsabilidade, dignidade, poder e violência, guerra, política e liberdade. A partir do entendimento do que é a política em Arendt, que em termos gerais é a liberdade, própria razão de viver, significados que a autora retoma da *pólis* grega, juntamente com o conceito de pluralidade (política remetendo-se às diferenças), pode-se trazer ao debate problemas acerca da filosofia política que nos são mais próximos, contextualizando-os e discutindo-os.

Além dela, a pensadora Maria Zambrano despertou interesse por sua concepção de razão poética, que tenta ir além da racionalidade objetiva da filosofia. Zambrano (1904-1991) desenvolve em suas obras a noção de “razão poética” a partir da qual trata de diversos temas (violência e história, pessoa e democracia, o sagrado e o divino, os sonhos, poesia e filosofia, o exílio, os gêneros literários, etc.). Na obra “*El pensamiento vivo de Seneca*”, delimitando seu conceito de filosofia como prática constante e coerente entre o que é dito, pensado e vivido, María Zambrano faz um específico comentário desse autor e dessa forma introduz o foco de seu pensamento no meio mais convencional da filosofia. Quanto ao “*El hombre y lo divino*”, ela faz traça um esboço da relação entre o que é humano e o que é divino sob vários aspectos. Na esfera histórica, Zambrano reconstitui a relação mitológica entre homens e deuses, característica da Grécia antiga, e pontua essa relação no pensamento cristão, sobretudo no que diz respeito ao conceito de logos. A razão poética é a condição de possibilidade, o aparato humano que possibilita o toque na divindade e a escuta da palavra sagrada.

Outra pensadora sobre a qual desenvolvemos estudos foi Edith Stein. Edith Stein (1891-1942) - filha de família judia, mas se tornou uma religiosa da Ordem Carmelita Descalça, com o nome de Teresa Benedita da Cruz, dedicou-se ao trabalho religioso de 1933 a agosto de 1942, quando foi asfixiada, numa câmara de gás, no campo de concentração de Auschwitz (Polônia). Pelo seu heroísmo cristão, foi canonizada, em 1998, sob o nome de Santa Teresa Benedita da Cruz. Foi proclamada co-padroeira da Europa por seu contributo cristão que outorgou não só à Igreja Católica, mas também por seu pensamento filosófico. Em 1916 Husserl a escolheu para ser sua assistente de cadeira na Universidade de Freiburg e declarou que ela era a melhor estudante de doutorado que tinha tido, inclusive foi mais capaz que Heidegger que também foi seu assistente na mesma época. Neste mesmo ano, defendeu sua tese e obteve o Doutorado em Filosofia (O Problema da Empatia) com o grau de *summa cum laude*. Neste trabalho Edith Stein define o *Eu individual* ou indivíduo, ou seja, o indivíduo é um sujeito unitário, no qual a unidade da consciência de um Eu e um corpo físico se conjuga indissolúvelmente. Assim, cada um desses dois elementos (corpo físico e consciência) assume um caráter novo: o corpo se apresenta como corpo próprio, enquanto a consciência se apresenta como anima do indivíduo unitário. A empatia torna-se, enfim, condição de possibilidade da constituição do indivíduo próprio e de sua relação com o Outro. O fio condutor da atuação de Edith Stein, em todos os âmbitos, seja com o pensamento seja com a ação, parece ter sido a intersubjetividade, *Einfühlung*, a empatia, a comunhão com o outro, com o estranho, com o diferente.

Enfim, estes são alguns dos temas desenvolvidos pelo grupo de pesquisa. Além das temáticas em si, com bibliografia específica para cada assunto estudado, há a preocupação de que seja feito um levantamento básico para aprofundar a pesquisa de modo geral nas relações de gênero e representação feminina. Por isso, a seguir apontamos alguns livros que servem como ponto de partida para possíveis interessados nesta área.

BIBLIOGRAFIA

AGACINSKI, Sylviane. **Política dos Sexos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ANZIEU, Didier. **O eu-pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ARCE, Alessandra. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. In: **Cadernos de Pesquisa**, n.113, p. 167-184. Fundação Carlos Chagas. São Paulo: 2001.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elisabeth. **Rumo Equivocado**: o feminismo e alguns destinos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **O que é uma mulher?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. **Palavras de Homens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____. **Um e o outro**: relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORRÊA, M. **Antropólogas e Antropologia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. **História do Rosto**: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX). Lisboa: Teorema, 1988.

DAUMARD, Adeline. **Os burgueses e a burguesia na França**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Hierarquia e riqueza na sociedade burguesa**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

DAVIS, Natalie Zemon. **Nas margens: três mulheres do século XVII**. São Paulo: CIA das Letras, 1997.

DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe. **História da vida privada**. São Paulo: CIA das Letras, 2003.

DUBY, Georges; PERROT, Michele. **Imagens da mulher**. Porto: Afrontamentos, 1992.

_____. **História das mulheres no ocidente**. Porto: Afrontamentos, 1990.

DUBY, Georges. **Eva e os Padres: damas do século XII**. São Paulo: CIA das Letras, 2001.

_____. **Idade média, idade dos homens: do amor e outros ensaios.** São Paulo: CIA das Letras, 2001.

_____. **A Europa na Idade Média.** Lisboa: Teorema, 1989.

_____. **A sociedade cavaleiresca.** Lisboa: Teorema, 1989.

_____. **O cavaleiro, a mulher e o padre: o casamento na França feudal.** Lisboa: Dom Quixote, 1988.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que Correm com os Lobos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: um caso de parricídio do século XIX.** Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si.** Rio de Janeiro: Graal, 2005.

_____. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna: decifrando o saba.** São Paulo: CIA das Letras, 1991.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. A Linguagem Indireta e as Vozes do Silêncio; IN: **Signos.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru: EDUSC, 2005.

_____. **Mulheres públicas.** São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PRIORE, Mary del (org.) **História das mulheres do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

REVIEW, The Paris. *Escritoras e a Arte da Escrita*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

ROSSIAUD, Jacques. **Prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ROWBOTHAM, Sheila. **Conscientização da mulher no mundo do homem**. Porto Alegre: Globo, 1983.

SAND, George. **A pequena Fadette**. Lisboa: Europa América, 1976.

SALLMANN, Jean-Michel. **As bruxas, noivas de Satã**. São Paulo: Objetiva, 2002.

SCAVONE, Lucila - **Estudos de gênero: uma sociologia feminista?**, out./2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a18v16n1.pdf>

_____. **Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e Ciências Sociais**. São Paulo: EDUNESP, 2004.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan W. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n.2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

_____. "História das mulheres". In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**. São Paulo: EDUNESP, 1992.

_____. **La citoyenne paradoxale**. Les féministes françaises et les droits de l'homme. Paris: Albimn Michel, 1998.

_____. "O enigma da igualdade". **Revista Estudos Feministas**, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SCHMIDT, Rita T. **A Ficção de Clarice**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2003.

SCHPUN, Mônica Raisa. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Boitempo/SENAC, 1999.

SULLEROT, Evelyne. **História e sociologia da mulher no trabalho**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.

VIGARELLO, Georges. **A história da beleza:** o corpo e a arte de se embelezar do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. **A história do estupro:** violência sexual nos séculos XVI – XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.